

A CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE NO LIVRO DIDÁTICO

Sadraque Micael Alves de Carvalho
André Victor Cavalcante Seal da Cunha

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir algumas questões relacionadas à disciplina de *Cultura do Rio Grande do Norte*, mais especificamente ao livro didático utilizado pelos professores da disciplina. Esse material é destinado aos alunos e professores do Ensino Fundamental, sendo que a análise deste documento nos permite perceber alguns aspectos interessantes em relação a esta incipiente disciplina escolar. Vale salientar que os professores afirmam desconhecer propostas oficiais para esta disciplina, levando-os muitas vezes à improvisação em sua prática escolar. Logo, a existência do suporte pedagógico em questão revela quais são os conteúdos específicos, bem como as prioridades e os objetivos da disciplina.

Palavras-chave: livro didático; cultura do RN; conteúdos pedagógicos.

A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, em seu Artigo 26 afirma que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Embasados neste documento oficial, e neste tópico em particular, é que decidimos iniciar este trabalho, pois é inserida dentro desta norma que entendemos a criação da disciplina de Cultura do RN, que passou a reintegrar o currículo escolar das instituições Estaduais de Ensino Fundamental no Rio Grande do Norte no ano de 2007.

Ainda no âmbito dos documentos oficiais, é válido registrar o que reza a Constituição Estadual em seu Artigo 137 do Capítulo III Parágrafo 2º: “*As escolas públicas, de primeiro e segundo graus, incluem entre as disciplinas oferecidas o estudo da cultura norte-riograndense, envolvendo noções básicas da literatura, artes plásticas e folclore do Estado*”.

Portanto, o objetivo deste breve ensaio consiste em analisar como estão postas estas questões no livro didático utilizado pelos professores da disciplina. Antes, cabe-nos apresentar melhor a natureza deste trabalho e descrever brevemente a construção desta problemática.

Apresentando o tema

Este artigo é fruto de minha experiência enquanto professor estagiário do Ensino Fundamental e Médio, e também quando fui professor contratado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte para atuar nos Ensinos Fundamental e Médio no ano de 2007. Na qualidade de

professor e graduando em História tive a oportunidade de lecionar também a disciplina de Cultura do Rio Grande do Norte nos dois níveis de ensino, e deparar-me com uma série de dificuldades. O livro didático em questão, intitulado *Introdução a Cultura do Rio Grande do Norte*, é destinado aos alunos e professores do Ensino Fundamental, sendo que a análise deste documento nos permite perceber alguns aspectos interessantes desta incipiente disciplina escolar. Vale salientar que de acordo com os professores da disciplina de Cultura do RN, não há propostas oficiais para esta disciplina, o que os leva invariavelmente à improvisação em sua prática escolar. Logo, a existência deste suporte pedagógico, o livro didático, revela quais são os conteúdos específicos, bem como as prioridades e os objetivos da disciplina.

A historiadora Circe Bittencourt vai ainda mais longe em sua conceituação sobre o livro didático. Citando Alain Choppin, defende que: “os livros didáticos não são apenas suportes pedagógicos: são também produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições, suas culturas”.

As pesquisas que tomam o livro didático como objeto de estudo vem se tornando bastante significativas. No campo da pesquisa sobre ensino de História em particular, e no caso do Brasil para ser mais específico, a preocupação em se pesquisar questões relativas à produção e a apropriação de livros didáticos tem aparecido desde a década de 1980, momento este em que figura a chamada crise disciplinar. Nesta época é formulado o conceito de *modelo tradicional do ensino de História*: “*construção discursiva peculiar, presente em grande parte das produções sobre o ensino de História, representando um tipo de consenso, uma espécie de síntese de tudo o que não se quer para a disciplina escolar em questão*”. A partir de então pesquisas sobre livros didáticos tem se tornado uma das pontas de lança do vasto campo da pesquisa em ensino de História.

Devido ao caráter incipiente da disciplina de Cultura do Rio Grande do Norte, não há muitos estudos sobre o livro didático da mesma. É evidente que não temos a intenção de esgotar as possibilidades de análise sobre o livro didático de Cultura do RN, tendo em vista o caráter conciso deste trabalho. Como o leitor irá constatar, este trabalho pretende, se muito, explorar algumas idéias que possam suscitar discussões vindouras.

No processo de leitura e análise do livro didático nos centramos em três aspectos, os quais consideramos relevantes: os conteúdos da disciplina, as imagens presentes no corpo do texto e os conteúdos pedagógicos, ou ainda, as atividades e os exercícios propostos pelos autores.

O livro é dividido em três unidades. 1) *Literatura*, escrita pelo autor Tarcísio Gurgel, 2) *Artes Plásticas*, cujo autor é Vicente Vitoriano e 3) *Folclore*, escrita por Deífilo Gurgel. Podemos perceber que o livro foi produzido de acordo com o que diz o texto da Constituição do Estado. Além disso, torna-se claro que a noção de *Cultura* desenvolvida neste material mantém estreito

vínculo com as conceituações clássicas deste termo, que abrange elementos como arquitetura, literatura, artes em geral, etc.

Em prol de uma delimitação mais acertada optamos pela análise da primeira unidade do livro, que trata da Literatura potiguar. Esta escolha decorreu, entre outras coisas, pela nossa identificação com o tema.

Situando o tema

Expostas as nossas intenções, não podemos negligenciar uma questão basilar para este trabalho, qual seja, o conceito de livro didático.

Na concepção de Antônio Batista, o livro didático é um objeto variável e instável.

A conceituação de livros didáticos não traz, à primeira vista, muitos problemas. Trata-se desse tipo de livro que faz parte de nosso cotidiano: que é adquirido, em geral, no início do ano, em livrarias e papelarias quase sempre lotadas; que vai sendo utilizado à medida que avança o ano escolar e que, com alguma sorte, poderá ser reutilizado por um outro usuário no ano seguinte. Seria, afinal, aquele livro ou impresso empregado pela escola, para desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação .

O autor também identifica em seu texto um desprestígio social do livro didático. Geralmente é visto como um livro efêmero, que rapidamente se desatualiza, pouco conservado em bibliotecas, de utilização restrita ao ambiente escolar, produzido no mais das vezes com material de baixa qualidade, não costuma estar presente nas grandes livrarias. O efeito desse desprestígio parece estender-se até mesmo aos que dele se ocupam: os pesquisadores .

Dada a sua diversidade, é interessante notar que quando se refere ao livro didático não se costuma empregar o termo *leitor* para aqueles que se utilizam deste suporte pedagógico, mas sim o termo *usuário*.

Explicitando esta idéia, Munakata diz:

Ler/usar livro didático implica assim pelo menos dois leitores permanentes: aluno e professor. É claro que outros livros também supõem uma diversidade muito grande de leitores, mas o que faz essa dupla de leitores peculiar no livro didático é que ela é, digamos, estrutural: se um aparecer sem o outro pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo .

A historiadora Circe Bittencourt, analisando também a natureza do livro didático, o classifica inicialmente como um produto da indústria cultural, uma mercadoria, portanto fabricado para ser comercializado, vendido. Prova disto é fato de que ao contrário do que se pensa, pelo menos a nível de senso comum, o autor não produz o livro didático de forma independente. Juntamente com ele trabalham técnicos de várias áreas específicas, tais como, editores, ilustradores, programadores, tipógrafos.

Em virtude dessa diversidade é que Bittencourt expõe o comentário a seguir:

(...) trata-se de um objeto cultural de difícil definição, por ser obra bastante complexa, que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de múltiplas facetas, e para sua elaboração e uso existem muitas interferências.

O livro didático é também um depositário de conteúdos escolares, suporte pedagógico responsável pela transposição didática, sistematizador dos conteúdos específicos, além de funcionar como definidor de padrões técnicos para a transmissão desses conteúdos. A autora ainda o classifica como instrumento pedagógico, contendo propostas de ensino e de atividades a serem realizadas pelos alunos, sendo também um veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Através dos vários elementos que o compõem – textos, imagens, exercícios propostos, etc. – transmite os valores e a ideologia das elites dominantes. É exatamente este recorte que pretendemos dar: analisar o livro didático em função de sua importância para a consolidação de conteúdos, metodologia de ensino, valores, ou ainda, como padronizador de uma disciplina escolar.

Cercando o tema

Antes de mergulharmos na análise propriamente dita do livro didático convém dedicarmos alguns parágrafos sobre a questão da identidade, uma das principais chaves para o entendimento da criação desta disciplina escolar.

Num tempo em que os acontecimentos situados fora de nossa localidade imediata parecem influir em nós muito mais do que aqueles mais próximos, torna-se quase impossível não concordar com a idéia de que estamos nos tornando cidadãos desterritorializados. Não obstante, esse movimento, produto direto da chamada globalização, não implica, pelo menos até o momento, na perda de nossos laços identitários nacionais, regionais e locais já sedimentados.

“A idéia de que esse processo, ao reorganizar os países dentro de um conjunto de postulados e objetivos, transformaria cidadãos locais em cidadãos planetários, fazendo com as expressões particulares fossem substituídas por linguagens gerais, uniformes, homogeneizando indivíduos e grupos, não tem sido comprovada pelos estudos empíricos referentes às mais diversas práticas sociais”.

O fato é que a globalização parece assustar a esfera política ao ponto de se criar medidas visando não deixar cair no esquecimento as identidades locais. É assim que vemos o caso da disciplina de Cultura do Rio Grande do Norte. Na apresentação do livro os autores afirmam o seguinte: *“não é demais pretender que, ao utilizá-lo em sala de aula ou em atividades extra-classe, tenhamos um aliado para enfrentar os riscos de uma globalização que, não*

respeitando fronteiras, ignora e, por vezes, destrói culturas regionais” . Este trecho deixa manifesta uma preocupação com a ameaça de perda de uma identidade. Logo, o estudo desta disciplina seria fundamental na recuperação dessa identidade ameaçada.

Mais a frente há um trecho que também não poderíamos abrir mão de reproduzi-lo:

Assim, a literatura, as artes plásticas, e o folclore aqui estudados são resultantes da criatividade e da ação coletiva, ***dentro de um conjunto de predicados de que é portador o homem potiguar***. (...) Que a partir dele (o livro) possamos valorizar o fato de que, embora humanos – habitantes do planeta Terra – latino-americanos, com a grandeza e dramaticidade que isso implica e mais: brasileiros do Nordeste, ***somos verdadeiramente potiguares***. E que possa o estudante sentir-se estimulado a se tornar um ativo agente cultural: seja escrevendo, pintando, seja participando dos ricos folguedos populares de que nossa cultura é tão rica ou até – o que não é menos importante – ***atuando como um zeloso divulgador da mesma***.

Façamos a seguinte reflexão: nascer, viver, estabelecer relações com pessoas, grupos, instituições, espaços, lugares, etc. Tudo isso dentro de uma localidade específica, neste caso, no Estado do Rio Grande do Norte. A impressão que nos fica é a de que isso não bastaria para ser um autêntico potiguar. A solução seria *estudar* a cultura do RN sob um rótulo devidamente específico e formalizado. A partir de então o indivíduo passaria a estabelecer uma identidade com o lugar. Onde fica a influência da parte humanística do currículo escolar na formação dessa identidade?

Aspectos do livro didático

A primeira unidade do livro, intitulada *Literatura*, é dividida em três capítulos: 1. *Os começos*, que traz informações acerca dos primeiros escritores e poetas da época da província até o início da República, 2. *Os tempos modernos*, referente à influência do movimento modernista entre os escritores potiguares e 3. *A nova literatura potiguar*, que trata de um período mais próximo do presente, bem como fala de alguns escritores norte-riograndenses da atualidade.

De início, poderíamos afirmar que essa divisão é marcada por uma ordem cronológica e linear, na qual estão contidas as noções de começo, meio e fim. Inclusive o primeiro capítulo, após falar sobre Othoniel Menezes, termina da seguinte forma: *“com este poeta encerrava-se uma brilhante fase da Literatura Potiguar”* . Em seguida parte para um novo conteúdo.

Esta unidade estabelece uma história panorâmica acerca da literatura potiguar, ou melhor, sobre a vida dos escritores potiguares. Isso porque o autor preocupa-se em narrar algumas etapas da trajetória de vida desses personagens. Assim, lemos sobre Lourival Açucena, Segundo Wanderley, Auta de Souza, Ferreira Itajubá, entre vários outros. Sobre aspectos pessoais da vida desses e de outros personagens da literatura o livro é bastante informativo, ao ponto de

“conhecemos” muito mais os autores do que suas obras. Apesar da quantidade considerável de trechos de poesias e outros escritos nas páginas desta unidade, o autor detém-se de forma muito vaga acerca delas, de modo que ao final não se pode elencar particularidades da literatura potiguar. O estudo da literatura potiguar, anunciada na apresentação do livro como um importante conteúdo para formação dos alunos, é concebido como relatos da vida de seus escritores.

O modelo narrativo empregado nesta unidade é muito semelhante àquele de que nos fala Bittencourt ao analisar os livros didáticos do final do século XIX e da primeira metade do século XX. As narrativas estavam centradas em relatos da vida dos grandes personagens da História do Brasil, num exemplo típico da matriz positivista .

O autor faz exacerbados louvores às obras e aos escritores da literatura norte-riograndense. Adjetivos tais como, belo, extraordinário, talentoso, fascinante, magnífico, etc., marcam toda esta unidade. Porém o que parece legitimar a grandiosidade da literatura produzida no Estado é o aval concedido pelos grandes nomes da literatura nacional. Exemplos: ao falar sobre a poetisa Auta de Souza – *a mais amada do Estado* - o autor Tarcísio Gurgel diz que a sua obra, chamada *Horto*, teve “*direito a Prefácio de Olavo Bilac, à época o mais famoso poeta brasileiro*” ; sobre Jorge Fernandes,

em 1925 Câmara Cascudo remete ao líder modernista Mário de Andrade alguns poemas de Jorge. O autor de *Paulicéia Desvairada* não consegue conter a sua admiração e faz questão de demonstrá-lo na carta-resposta. Chega a duvidar da existência real de Jorge (...).

Sobre Ferreira Itajubá, “*era a própria personificação do poeta da escola que consagrou Castro Alves e Álvares de Azevedo*” .

A impressão que nos fica é a de que a literatura produzida no Rio Grande do Norte merece ser lida e admirada, uma vez que os grandes escritores brasileiros, do porte de um Mário de Andrade, Olavo Bilac, João Cabral de Melo Neto, entre outros, assim viam a literatura potiguar. Da mesma forma, é no fato dos escritores norte-riograndenses se espelharem nos exemplos desses grandes personagens da literatura nacional que reside a importância de suas obras.

Como veremos mais a frente, as imagens presentes no livro parecem também querer endossar esta visão. As imagens que mais aparecem são fotografias dos poetas, romancistas, cronistas e intelectuais da literatura do Estado.

As imagens contidas nos livros didáticos há muito são objetos de estudo de vários pesquisadores de áreas diversas. De acordo com Thais Fonseca,

Jonathas Serrano, em nota preliminar ao seu livro, datada de 1918, já apontava as vantagens do uso das imagens do recém inventado cinema a serviço da história, quando fossem possíveis, através dele, as ressurreições históricas. Mas, enquanto esse milagre não ocorresse, restaria, mais modestamente, o emprego de gravuras, retratos, mapas, etc., para ensinar pelos olhos . (...)

A utilização das imagens funcionaria como uma espécie de registro visual dos fatos narrados, dando um carácter de maior veracidade aos fatos históricos. Dentro dessa perspectiva, as imagens presentes no livro da disciplina de Cultura do Rio Grande do Norte assumem uma função muito próxima a que foi explicitada.

Interessante é que não há nenhuma proposta de leitura dessas imagens. Assim, elas podem assumir também a função de descanso visual. Interpondo-se ao texto, são apenas ilustrações sem maiores significados para alunos e professores.

Retomando a questão do endossamento dos escritores do Estado pelos grandes personagens da literatura nacional, é interessante notar, por exemplo, que ao falar sobre Jorge Fernandes há uma fotografia do mesmo à esquerda e uma de Mário de Andrade, havendo uma interseção entre ambas as fotografias. A legenda da foto diz: “*a poesia modernista de Jorge Fernandes encheu de entusiasmo Mário de Andrade*” .

Em outro trecho, no qual o autor fala sobre Zila Mamede – a maior poetisa do Estado entre os anos 1940 e 1960 – há uma fotografia da poetisa junto de João Cabral de Melo Neto . Segundo Tarcísio Gurgel, “*os seus sonetos são considerados por todos os que estudaram a sua obra dos mais perfeitos da Literatura Potiguar*” (...) . Na legenda da foto há a seguinte apresentação: “Zila Mamede. Em segundo plano, João Cabral de Melo Neto”.

O terceiro aspecto que queremos destacar está centrado nos conteúdos pedagógicos, os quais explicitam importantes questões acerca da aprendizagem. “É importante perceber a concepção de conhecimento expressa no livro; ou seja, além da capacidade de transmitir determinado acontecimento histórico, é preciso identificar como esse conhecimento deve ser apreendido” .

Vejamos alguns exercícios propostos pelo livro. Esta fase está contida ao final de cada capítulo.

Testando a Leitura

1. Quem organizou, para publicação em livros, os poemas de Lourival Açucena?
2. A poesia de Segundo Wanderley, que tinha como modelo outra, de um grande nome da poesia brasileira, foi muito apreciada no período em que dominava o Estado um importante grupo político. Quem era o poeta? E que grupo político era esse?
3. Podemos dizer que Auta de Souza era uma poetisa cheia de vida e que sua poesia reflete situações de alegria?
4. Henrique Castriciano é considerado o mais culto poeta do Rio Grande do Norte e serviu de modelo a outro grande intelectual. Comente esta afirmativa.
5. Qual o nome do autor do poema “Serenata do Pescador”, que o povo rebatizou como “Praieira?”

A aprendizagem é literalmente testada através de um jogo de perguntas e respostas. É claramente perceptível que para os idealizadores da obra a noção de aprendizagem pode ser tida como sinônimo de decorar.

Algo muito semelhante pode ser contemplado na análise que Circe Bittencourt faz das concepções de aprendizagem de meados do século XX. “A memorização era a tônica do processo de aprendizagem e a principal capacidade exigida dos alunos para o sucesso escolar. Aprender era memorizar” . Acima nós temos um exemplo claro do que a autora chama de *exercícios da memória*.

Diante dos aspectos analisados nos resta uma questão. Os conteúdos escolares e os pedagógicos estão de fato em sintonia com o que é dito na apresentação do livro? Estudar a vida de alguns personagens da literatura e memorizar o nome de suas obras e outras particularidades é o suficiente para despertar nos estudantes um sentimento de identidade potiguar?

Particularmente acredito que muitos aspectos da nossa cultura estão caindo no esquecimento. É preciso visitar muitas das particularidades que constituem o homem potiguar, não necessariamente pela via ufanista. Mas, diante do que foi visto a disciplina de Cultura do RN carece de uma proposta mais bem elaborada, de estudiosos que conheçam não só a literatura, as artes plásticas, o folclore, a música, etc., mas também de intelectuais que estejam a par das propostas atuais da educação e das concepções de ensino-aprendizagem.

Assim, pode-se até colocar a questão da própria utilidade e existência da disciplina de Cultura do RN, já que além de tudo isso seus conteúdos poderiam ser aglutinados nas disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, História, Geografia, enfim, na parte humanística do currículo escolar.